

Formação de professores leigos no Rio Grande do Norte/Brasil: uma história

*Liege Priscila de Medeiros** *Liliane dos Santos Gutierre***

RESUMO

Registramos uma história sobre a formação do Professor Leigo em um Curso de Treinamento, em Caicó, no Rio Grande do Norte (RN), Brasil, nos anos de 1963 a 1965. Esse curso trouxe melhorias para a educação do Estado, pois melhorou o nível de instrução dos Professores Leigos, reduzindo o índice de analfabetismo da população norte-rio-grandense. Nessa época, a falta de professores habilitados à docência no Brasil era uma realidade e a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) n.º 5.692/71 permitiu aos professores não habilitados, lecionarem. Perguntamos, portanto: De que forma o Curso de Treinamento contribuiu para a formação dos Professores Leigos em Caicó/Rio Grande do Norte, em especial, no tocante ao ensino e aprendizagem da Matemática? Nosso objetivo geral foi elaborar um registro histórico sobre esse Curso, apontando para as práticas e para a formação em serviço desses professores leigos e também dos seus professores. Para tanto, lançamos mão de pressupostos da História Cultural, para respaldar nossa metodologia de pesquisa, na medida em que constituímos a história dos Professores Leigos em Caicó/Rio Grande do Norte/Brasil. Recorremos também a documentos e a entrevistas semiestruturadas. Por fim, a análise das nossas fontes orais e escritas nos mostrou que o ensino de Matemática em Caicó/Rio Grande do Norte sofreu grande influência da tendência Empírica-ativista (Fiorentini, 1995), na medida em que o Curso de Treinamento proporcionou novas metodologias para o ensino da Matemática, enfatizando o uso de materiais manipulativos e tendo assim um papel muito importante, pois contribuiu com os professores que exerciam o Magistério primário sem ter o diploma e a formação adequada para o trabalho docente, recebendo uma formação e um título reconhecido.

Palavras chave: professores leigos, matemática, ensino.

1. Como tudo começou

Entendemos por Professor Leigo todo professor que estava em sala de aula, mas que não possuía as exigências necessárias apresentadas no Artigo 53 da Lei de Diretrizes e Bases do Brasil (LDB) n.º 4.024 de 20 de dezembro de 1961, que estabelecia como regra,

*UFRN (Brasil), e-mail: liegepriscila@gmail.com.

**UFRN (Brasil), e-mail: lilianegutierre@gmail.com.

para a admissão de professores, a exigência mínima de formação docente para o ensino primário (Brasil, 1961).

Mas, na década de 1960, a falta de professores habilitados era uma realidade no Brasil, de modo que a própria legislação era adaptada a essa situação de precariedade. Sobre isso, Evangelista e Gouveia (2014) citam o Art. 77 da LDB 5.692/71, nos dizendo que foi permitido aos professores não habilitados lecionarem, devido à necessidade de docentes e à precariedade de candidatos habilitados ao Magistério, de modo que o próprio legislativo ao reconhecer as diferentes realidades brasileiras, passa a admitir que a pessoa inabilitada, exerça a profissão de professor. Desse modo, eram determinados ou elaborados programas para a qualificação desses Professores Leigos (Evangelista; Gouveia, 2014).

O formato do sistema educacional no Estado do Rio Grande do Norte (RN), localizado no nordeste do Brasil, também admitiu, na década de 1960, professores inabilitados. Gutierre (2008), em sua tese de doutorado, nos mostra que foram elaborados e executados Cursos de Treinamento para habilitar, capacitar e assegurar os Professores Leigos na docência.

Essa formação se deu por meio de um Curso, que foi denominado, na época, de Curso de Treinamento, cujo objetivo era capacitar esses professores, além de melhorar as remunerações dos mesmos. Tal curso se fez importante para a melhoria no nível de instrução dos Professores Leigos e, conseqüentemente, trouxe melhorias para a educação, pois reduziu o índice de analfabetismo da população norte-rio-grandense que, em 1963, era de 66,9% da população adulta do Rio Grande do Norte (Gutierre, 2008).

Assim, voltamos o nosso olhar para esse Curso, a fim de fazer um registro histórico dessa formação, até porque corroboramos com Borges (2005), quando a autora nos diz que “o historiador examina sempre uma determinada realidade, que se passou concretamente em um tempo determinado e em um lugar preciso” (Borges, 2005, p. 58). Vale lembrar que nós, pesquisadores, que trabalhamos com História da Educação Matemática, desempenhamos também esse papel do historiador.

Isso posto, nossa questão de pesquisa foi: De que forma o Curso de Treinamento contribuiu para a formação dos Professores Leigos de Caicó/Rio Grande do Norte/Brasil, em especial, no tocante ao ensino e aprendizagem da Matemática? Nosso objetivo geral foi elaborar um registro histórico sobre o Curso de Treinamento dos Professores Leigos na cidade de Caicó/Rio Grande do Norte/Brasil, nos anos de 1963, 1964 e 1965, apontando para as práticas e para a formação em serviço desses professores leigos e também dos seus professores — que nesse estudo chamamos de formadores.

2. Caminhos Metodológicos

Fizemos uma descrição cultural do grupo estabelecido pelos Professores Leigos, professores formadores e técnicos administrativos que fizeram parte do Curso de Treinamento,

em Caicó/Rio Grande do Norte¹, dando ênfase no processo de ensino de Matemática, estabelecido neste contexto social, cultural e econômico. Desse modo, julgamos de fundamental importância todas as falas que constituíram os depoimentos dos acima citados, uma vez que privilegiamos a subjetividade de cada entrevistado e, considerando cada momento descrito pelos depoentes como único, constituímos a análise da situação estudada, pois não podemos contar um fato histórico com reflexões críticas sem estudar história cultural e sem refletir sobre documentos.

Para tanto, investigamos e analisamos como se deu o ensino de Matemática, no Curso de Treinamento, na década de 1960, em Caicó/Rio Grande do Norte, buscamos respaldo na História Cultural, a fim de reconstituir esse ensino, nos apoiando nos conceitos utilizados pelos historiadores, pois nosso trabalho, como já dissemos, trata de uma abordagem histórica que possibilita estudar o contexto histórico e cultural dos professores do Curso de Treinamento e os papéis desempenhados por eles.

De acordo com Borges (2005), ao contarmos uma história, não queremos escrever algo do passado pelo passado, pois tornaria o contexto que estudamos limitado. Nesta perspectiva, Borges (2005, p. 48) afirma que “São os homens que fazem a história; mas, evidentemente, dentro das condições reais que encontramos já estabelecidas, e não dentro das condições ideais que sonhamos” (Borges, 2005, p. 48).

Assim, torna-se possível contar uma história sobre o Curso dentro do que nos é permitido. Tal história nos proporciona uma maior compreensão do que foi ou representou esse Curso para aquele período e de que forma ele influenciou a nossa realidade. Isto é, o estudo sobre a história do Curso de Treinamento nos ajuda a entender o que ocorreu no ensino da Matemática, na década de 1960, na cidade de Caicó/Rio Grande do Norte, e quais alterações ocorridas segundo esses sujeitos, agentes dessa história.

Estudar o Curso de Treinamento e as relações sociais, econômicas e culturais existentes entre o Curso e os professores (Formadores e Leigos), nos ajuda a compreender as transformações desenvolvidas acerca do Ensino da Matemática, uma vez que, “Saber o que o homem fez desde que está na Terra mostra muito sobre o próprio homem, ajuda a entendê-

¹Os depoentes são quatro professoras leigas, três professoras formadoras e duas técnicas administrativas que participaram do Curso de Treinamento de Caicó/RN, exercendo suas respectivas funções. Com esses nove depoentes, conseguimos reunir os depoimentos das pessoas que fizeram parte do Curso de Treinamentos em Caicó/RN, com atribuições diferentes. Conseguimos identificá-los facilmente por sermos de Caicó, e tão logo identificados por nós, fizemos o convite para a realização da entrevista. Vale dizer que todos tinham capacidade física e mental e, prontamente, aceitaram participar da pesquisa. Entendemos que os nove depoentes foram suficientes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, tendo em vista que os participantes desempenharam diferentes papéis durante o Curso de Treinamento e que, ao serem convidados, demonstraram interesse em participar. As Professoras Leigas entrevistadas por nós foram: Professora Josefa Auta de Medeiros, Professora Rosilda Rosa de Medeiros, Professora Francisca Silva e Professora Maria da Paz de Medeiros Costa. As professoras formadoras foram a Professora Célia Santos, a Professora Maria Elísia de Araújo Moraes e a Professora Teresinha Garcia de Melo. As Técnicas administrativas foram Maria das Dores Simplício e Polísia Gentil de Araújo Dias. Vale dizer que elaboramos uma carta de cessão de direitos que foi lida e assinada pelos entrevistados, após a redação do texto final da transcrição do diálogo. Daí nossa opção de usar seus verdadeiros nomes, como fazem os pesquisadores da História Oral.

lo e a entender as sociedades, é como o fato de se saber o que faz e fez uma pessoa ajuda a entendê-la” (Borges, 2005, p. 54).

Chartier (1990) nos diz que a História Cultural é fruto de uma necessidade imediata dos novos fatos e de novas questões históricas da vida e do cenário educacional. É por esse motivo que faz com que a nossa pesquisa seja importante, pois ela nos possibilita estabelecer o modo de ver e de fazer as práticas e as representações existentes em cada grupo ou sociedade.

Isto posto, para produzir, este trabalho de cunho historiográfico, lançamos mão da História Cultural, uma vez que passamos a entender as novas perspectivas para apropriação das práticas e costumes de professores de Matemática, além de mostrar as ideias e os significados constituídos pelos Professores Leigos no caminho percorrido, durante o Curso de Treinamento. Além disso, apoiamos-nos no trabalho de Le Goff (1994) em que se discutem alguns aspectos sobre os documentos. Para o autor, documento “é uma outra forma de memória, está intimamente ligado à escrita e que todo documento tem um caráter de documento/monumento” (Le Goff, 1994, p. 443).

Ainda nessa perspectiva, usamos os documentos encontrados no decorrer da nossa pesquisa juntos com os depoimentos dados pelos Professores Leigos, pelos professores formadores e pelas técnicas administrativas, numa tentativa de conservar os dados do passado e fazer uma relação entre os documentos e os depoimentos a fim de que possa nos ajudar na compreensão do ensino de Matemática realizado no Curso.

3. Sobre o Ensino de Matemática no Curso de Treinamento dos Professores Leigos em Caicó/Rio Grande do Norte/Brasil

O Programa para o ensino de Matemática desenvolvido no Curso de Treinamento para a formação dos Professores Leigos, em Caicó/Rio Grande do Norte, possibilitou uma nova adoção de técnicas de ensino e de metodologias para o desenvolvimento da aprendizagem Matemática. O curso contemplava Artes, Administração, Linguagem, Recreação, Matemática, Ciências e Estudos Sociais com o objetivo de contribuir com a formação dos Professores Leigos, por meio do seu desenvolvimento teórico e prático. Vale lembrar que as metodologias de ensino e os conhecimentos matemáticos adquiridos e desenvolvidos pelos professores formadores e pelos Professores Leigos foram provenientes do PABAE (Rio Grande do Norte, 1965).

A esse respeito, a professora formadora Teresinha relata que o Curso realizado no PABAE modificou a sua maneira de ensinar a Matemática, pois até aquele momento, ela não sabia, por exemplo, que poderia usar suas mãos como recurso no ensino de Matemática, uma vez que, agora, vê nos dedos uma maneira de auxiliar a realização de operações matemáticas, a exemplo da adição e da subtração. Além disso, a depoente nos disse que aprendeu a utilizar materiais manipulativos, tais como o ábaco e o disco de frações, os

quais, inclusive, eram produzidos por ela e pelos seus alunos com material de baixo custo. E aprendeu, especialmente, sobre as funções desses materiais no ensino de Matemática.

Durante o PABAAE, as aulas específicas sobre o ensino de Matemática eram direcionadas para a elaboração de materiais, orientações metodológicas sobre o uso de objetos manipuláveis. Eram estudados diversos materiais e métodos que pudessem colaborar com a prática docente dos professores que ensinavam Matemática (Pinho, 1964). Nesse sentido, as professoras Célia Santos e Maria Elísia, também formadoras, asseveram que o PABAAE proporcionou a elas uma atualização, um aperfeiçoamento, uma melhor compreensão do ensino, do currículo e das práticas pedagógicas por meio da divulgação das técnicas de ensino. Dessa forma, elas puderam aplicar os conhecimentos advindos do PABAAE em seu trabalho docente no Rio Grande do Norte.

Os professores que participavam do PABAAE eram multiplicadores² dos conhecimentos didáticos e pedagógicos. Partindo dessa premissa, vimos que os materiais (apostilas e livro³) do Curso de Treinamento encontrados por nós são cópias dos materiais usados no PABAAE e destinados à formação dos Professores Leigos. Desse modo, pudemos identificar que o desenvolvimento de métodos e técnicas adquiridos no PABAAE eram reproduzidos e distribuídos para os Professores Leigos durante a realização do Curso de Treinamento.

As Professoras Formadoras aprenderam e ensinaram aos Professores Leigos que eles deveriam levar em consideração as noções matemáticas trazidas pelos alunos e, a partir disso, poderiam desenvolvê-las por meio de atividades em sala de aula, usando problemas orais e escritos, partindo do concreto para o abstrato, do conhecido para o desconhecido. Tais professoras também aprenderam no PABAAE e transmitiram, durante o Curso de Treinamento para os Professores Leigos, que era uma boa escolha para o ensino e a aprendizagem de Matemática o uso de cálculo mental, materiais manipulativos e resolução de problemas.

Percebemos a aplicabilidade dessas ideias no depoimento da professora Teresinha, quando ela enfatiza que o uso de materiais manipulativos possibilitava a movimentação, a visualização e ajudava a “aguçar a memória da criança” (Teresinha Garcia de Melo, Depoimento Oral em 05/07/2016). A depoente enfatiza que o uso desses materiais tinham diversas potencialidades, e por meio deles, ela pôde perceber o desenvolvimento matemático de seus alunos.

Nos processos de ensino e aprendizagem, os Professores Leigos aprenderam que é importante levar em consideração a linguagem e o nível dos conhecimentos matemáticos, pois o ensino de Matemática deve ser “desafiador, mas possível a ser desenvolvido pelos alunos” (Dante, 2005, p. 47) e propiciar “várias estratégias de solução” (Dante, op. cit.) além de proporcionar um processo criativo, no qual o aluno esteja curioso em participar dos estudos envolvendo a Matemática.

²Neste trabalho, Professores multiplicadores são aqueles que cursaram o PABAAE e ministraram aulas no Curso de Treinamento para os Professores Leigos.

³Porto, Rizza Araújo. (1967). *Frações na escola elementar*. 3.^a Ed. Belo Horizonte/MG: Editora do Professor.

Os Professores Leigos relataram que adquiriram a percepção de que deveriam levar em consideração o entendimento do aluno, apresentar ideias importantes, integradas e usar uma linguagem matemática apropriada com “cada série e o vocabulário o mais possível da vivência da criança” (Dante, 2005, p. 48).

Podemos perceber isso nos relatos da professora Leiga Francisca Silva:

Elas ensinaram a gente a ensinar fazendo a nossa realidade. Quando cheguei à Areia Branca/Rio Grande do Norte, fui ser diretora da escola. Nós éramos conveniados ao Estado e recebíamos livros vindos de São Paulo. Esses livros demoravam muito e traziam a realidade de lá. [...] Nós morávamos numa praia, num lugar de plantio, a gente tem que fazer aqui a nossa realidade, a gente tem que ver a realidade nossa e não a de São Paulo, pois temos que ver a nossa realidade. Porque não adianta você botar umas coisas lá no sei de onde [...] para ensinar os meninos. Você vai ensinar aos meninos praia, o que é navio. Se aqui não tem, você vai ensinar aos meninos o que é barco, porque tem que fazer a minha realidade (Francisca Silva, Depoimento Oral em 04/12/2015).

O depoimento da Professora Francisca ressalta a importância de se levar em consideração a realidade do aluno e mostra que o material usado por ela em sua prática em sala de aula eram livros distribuídos pelo Estado. Esses livros vinham de São Paulo e não retratavam a realidade dela. Dessa forma, ela adequava a linguagem contida nos livros para que os alunos pudessem compreender, praticar, desenvolver e lidar com os conteúdos e conceitos matemáticos.

As entrevistas que realizamos nos mostram que as Professoras Leigas compreenderam, à época, que, em Matemática, era necessária a construção mental do conceito de número, tanto por parte delas, enquanto professoras, como também por parte de seus alunos. Logo, elas reconhecem que os Professores Formadores lançavam mão de diversos materiais manipulativos, tais como ábaco, material dourado e disco de frações que integrassem a teoria e a prática dos conhecimentos matemáticos estudados.

Sobre metodologia de ensino, a professora formadora Célia Santos nos disse que apresentava aos Professores Leigos os objetivos do ensino de Matemática, apontando os processos de ensino e aprendizagem dessa disciplina. Também foi ensinado aos Professores Leigos a elaborar planos de aulas, quais as formas de se aplicar as metodologias, de produzir materiais manipulativos, de que forma iriam associar o uso de materiais e os conhecimentos matemáticos.

Vale dizer que antes da participação no Curso de Treinamento, o ensino de Matemática era baseado em técnicas de memorização. Assim, vemos que esse tipo de ensino tomava como base a tendência formalista clássica, em que, didaticamente, “a aprendizagem do aluno era considerada passiva e consistia na memorização e na reprodução (imitação/repetição) de procedimentos ditados pelo professor ou pelos livros” (Fiorentini, 1995, p. 7).

Portanto, compreendemos que antes do Curso, o professor era visto como o detentor do conhecimento e o aluno aprendia por meio de procedimentos mecânicos e repetitivos

expostos nos livros, nas apostilas e solicitados pelo professor. Nessa concepção, o professor precisava saber dos conhecimentos e procedimentos matemáticos estabelecidos para o ensino de Matemática e deveria transmiti-lo a seus alunos. Os alunos eram passivos e deveriam “‘copiar’, ‘repetir’, ‘reter’, e ‘desenvolver’ nas provas do mesmo modo que ‘recebeu’” (Fiorentini, 1995, p. 7). Nessa abordagem, o papel do aluno era irrelevante, pois “ao indivíduo que está ‘adquirindo’ o conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação” (Mizukami, 1986, p. 11).

Fiorentini (1995) define o ensino baseado na tendência formalista clássica. Essa tendência tinha como principal fonte de orientação a “Lógica do conhecimento matemático construído a-historicamente” (Fiorentini, 1995, p. 8).

Assim, compreendemos que o conteúdo matemático era exposto pelo professor e os alunos eram meros acumuladores de conhecimento.

Em seu depoimento, a professora Teresinha relata a aquisição de novas técnicas, de novas metodologias e de novos conhecimentos que auxiliaram na eliminação do método de memorização. Um exemplo está presente no ensino da tabuada, uma vez que ela aprendeu a desenvolver o ensino deste conteúdo por meio da associação de elementos⁴. De acordo com Rosa (2010, p. 119), a tabuada deve ser construída, compreendida e resolvida por meio de exercícios interessantes, o autor defende que cada aluno deve construir seu próprio caminho e a “única coisa que o professor deve fazer é dizer o que é multiplicação”.

Nesse momento, os Professores Leigos aprendiam que os dedos poderiam ser usados como recursos auxiliares para o ensino e aprendizagem de Matemática (Teresinha Garcia de Melo, Depoimento Oral em 05/07/2016). O Curso foi um despertar para o trabalho docente desses professores, pois o ensino da tabuada era feito de acordo com a aprendizagem do aluno, por meio de somas repetidas. Em seguida, eram acrescentadas outras informações, para que fossem construídos novos conceitos sobre o ensino deste conteúdo (Rosa, 2010).

Enfim, as atividades desenvolvidas pelos Professores Leigos durante o Curso de Treinamento eram baseadas na construção dos caminhos para o ensino e a aprendizagem de Matemática, pois consistiam na construção de métodos e técnicas necessárias para o desenvolvimento pedagógico desses docentes. A estruturação dessas atividades era iniciada a partir dos conhecimentos matemáticos dos alunos, por meio de experiências envolvendo os conteúdos, o que propiciava a expressão das ideias dos estudantes. Portanto, partiam dos conceitos matemáticos fundamentais para adquirir os novos conhecimentos.

4. Considerações Finais

Entendemos que os Professores Leigos no Curso de Treinamento em Caicó/Rio Grande do Norte/Brasil aprenderam que o uso de materiais manipulativos na disciplina de Mate-

⁴A tabuada do algarismo 5 poderia ser construída assim: $5 \times 6 = 6 + 6 + 6 + 6 + 6 = 30$. Portanto, usou as “somas repetidas” (Rosa, 2010, p. 120). Desse modo, as professoras aprenderam a ensinar a tabuada por meio do uso de somas repetidas e aprenderam também que os dedos ou o uso de palitos de fósforo poderiam ser usados como recursos auxiliares para este ensino.

mática associado à teoria podem “criar oportunidades para as crianças usarem materiais manipulativos (blocos, palitos, tampinhas, etc.), cartazes, tabelas, diagramas [...], resolução de problemas” (Dante, 2005, p. 60), pois o uso desses materiais proporciona aos alunos tocar, manipular, movimentar, além de ser um aliado na construção dos conceitos matemáticos. Esses tipos de ações promoviam “a abstração de ideias que tem sua origem na manipulação e atividades mentais a ela associadas” (Dante, 2005, p. 60).

O uso de materiais manipuláveis, quando direcionados para a construção do conhecimento matemático, beneficia a aprendizagem, ajuda na construção dos conhecimentos matemáticos de forma prática, tornando as aulas mais dinâmicas, proporcionando a aprendizagem. Nesse sentido, os materiais manipulativos foram considerados pelos professores Formadores e Leigos como algo inovador para o desenvolvimento do ensino de Matemática, pois modificaram um pouco do ensino desenvolvido naquele período, conforme nos relatou a Professora Leiga Josefa: “o curso foi excelente trouxe novas metodologias, tinha professores bons, melhorou um pouco as nossas atividades em sala de aula, aprendemos trabalho em grupo porque até aquele momento nós não conhecíamos esse tipo de trabalho” (Josefa Auta de Medeiros, Depoimento Oral em 17/05/2015).

Nesse depoimento, vimos que a metodologia definida em sua fala refere-se ao conjunto criado entre métodos e técnicas em prol do ensino de Matemática. Nessa perspectiva, vemos em Rangel (2015) que a escolha da metodologia de ensino leva em consideração a escolha dos conteúdos, as características de aprendizagem dos alunos e o seu contexto. Essas relações fizeram com que os Professores Leigos entendessem quais materiais manipulativos poderiam contribuir com o ensino e a aprendizagem de Matemática.

Em conformidade com as aulas desenvolvidas no Curso de Treinamento, nossas depoentes apontam que “o Curso de Treinamento foi uma maravilha, pois até aquele momento nós não sabíamos usar materiais” (Depoimento Oral de Francisca Silva, Depoimento Oral em 04/12/2015).

Por fim, constatamos também que os Professores Leigos aprenderam que o uso e a confecção de materiais, tais como o quadro valor de lugar⁵, o flanelógrafo⁶, as tampinhas de garrafas, as sementinhas de diversas plantas, os cartazes, os palitos de picolés e de fósforos, as bolas de gude⁷ e os discos de frações feitos de cartolinas proporcionavam a construção de raciocínios lógicos, organização e construção de pensamentos matemáticos, realização de atividades e cálculos mentais, respeitava a individualidade de cada aluno e possibilitava a construção dos conceitos matemáticos.

⁵O cartaz valor de lugar ou cartaz de pregas, conhecido por CAVALU ou CVL é decisivo no trabalho com números e operações quanto ao problema de elevação (Rosa, 2010, p. 58).

⁶Flanelógrafo é um compensado de 1 metro de altura por 80 centímetros de largura, coberto com flanela. As figuras também podem ser feitas com flanelas (ou cartolina) com algumas tirinhas de lixa para madeira (ou velcro) coladas no verso. Contém diversas figuras que podem ser retiradas ou trocadas de lugar (Rosa, 2010, p. 58)

⁷Pequena bola de vidro ou de metal, com tamanhos variados, de cor escura, coloridas ou com mancha usada em brincadeiras de criança. Também pode ser conhecida por: burquinha, burba, baleba, bila, biloca, bilosca, bolinha-de-gude. Dicionário Informal disponível em:

<http://www.dicionarioinformal.com.br/relacionadas/bolinha+de+gude/>. Acesso em: 19/05/2017.

5. Referências

- Brasil (1961). «Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Base do Ensino de 1.º e 2.º Graus n.º 4024 de 20 de Dezembro de 1961». Brasília - DF. Brasil.
- Borges, V. P. (2005). *O que é história*. 2.ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- Burke, P. (Org.) (2011). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp.
- Chartier, R. (1990). *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. De Maria Manuella Galhardo. Lisboa: Difel.
- Dante, L. R. (2005). *Didática da Resolução de Problemas de Matemática*. 12.ª Edição. São Paulo: Cortez.
- Evangelista, C. J., Gouveia, C. T. G. (2014). A formação de Professores Leigos: um olhar para os periódicos. Em A. J. Brito, K. S. C. S. Farias, M. A. Miorim (Orgs.), *Pesquisas históricas em jornais e revistas: produções do HIFEM*. São Paulo: Editora da Física.
- Fiorentini, D. (1995). Alguns modos de ver e conceber o ensino de Matemática no Brasil. *Zetetiké*, ano 3, n.º 4.
- Fiorentini, D., Miorim, M. A. (1996). Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no ensino de Matemática. *Boletim SBEM*, São Paulo, 4(7).
- Gutierrez, L. S. (2014). Uma análise das reformas metodológicas e das provas de Matemática do III Curso de Treinamento para a formação dos professores leigos em Caicó/RN (1965). *REMATEC*, Natal/RN, ano 16, n.º 16, mai-ago., 71-86. Disponível em: http://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/.../Rematec_ano16maioagos2014.pdf. Acesso em: 17/01/2017.
- Laville, C., Dionne, J. (1999). *A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Le Goff, J. (2003). *História e Memória*. 5.ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Mizukami, M. G. N. (1986). *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: Epu.
- Pinho, P. M. de. (1964). «INEP: Súmula das atividades desenvolvidas em 1963». *Boletim Informativo CBPE*, n.ª 79, 01-09.
- Porto, R. A. (1967). *Frações na escola elementar*. 3.ª ed. Belo Horizonte/MG: Editora do Professor.
- Rangel, M. (2015). *Métodos de ensino para a Aprendizagem e Dinamização das Aulas*. 2.ª ed. Campinas, SP: Papirus.
- Rio Grande Do Norte. Secretaria da Educação e Cultura do RN. (1965). *Relatório de atividades do CEPE*. Natal.
- Rosa, E. (2010). *Didática de Matemática*. 12.ª ed. São Paulo: Ática.
- Toledo, M., Toledo, M. (1997). *Didática de Matemática Como dois e dois: A construção de Matemática*. São Paulo: FDT.